

Minha Menina já é Médica

Os anos que se sucederam desde que a Flavinha nasceu, foram anos ensolarados de vitórias e conquistas. Às vezes, eu a levava ao meu trabalho para as reuniões acerca de doenças emergentes, na Secretaria de Saúde do Estado, por volta de 1985. Na época, eu participava de um grupo de médicos da região que estudava o aparecimento de uma doença grave na época desconhecida, hoje a Febre Purpúrica do Brasil. Flávia nos cueiros, sentadinha no bebê conforto, aguardava-me, na ante-sala da reunião para me mamar, dormir, e as vezes até para chorar. Eu sua mãe, jovem sanitarista, imaginava a Flávia antecipando os carinhos que eu guardava para fazer em sua cabecinha.

Um dia, minha filhinha pegou coqueluche aos 10 meses e deu trabalho ao Mestre Martins, que nos ajudou, lhe acompanhando dias alternados, ele foi nosso pediatra, amigo e inspirador. E, nas expirações da Flávia, ela soprava uma carícia diáfana e doce, apesar de doente. E assim, ela cresceu, mamando muito, dançando, subindo as escadas do jardim de infância, desde os três anos. Às vezes, eu ia lhe visitar de surpresa, no jardim da Tia Bete, uma das muitas mães da minha filhinha do meio. Flávia era terna, dançarina, e gentil.

Apresentava uma tendência a se gripar, sic e muita inclinação para abraçar a gente com a alma. Flávia abraçava-nos com os braços, as pernas, as mãos, os dedos, a boca e os cabelos, e, também com o olhar. Era pura emoção: um ser comovido e sensível, que desde cedo empenhava-se em distribuir amor, talvez antecipando o conhecimento da dor.

Diferente de quando nasceu sua irmã, quatro anos mais velha, eu tinha remorso, certa vontade e até falta de ser só mãe da Flávia de só cuidar dela e deixar a medicina por uns tempos. Ela era tão frágil, tão pequenininha, mas parecia adivinha, e do alto dos seus dois ou três anos, ou melhor, desde os nove mesezinhos, ela sorria, quando eu partia para clinicar, e sorria mais ainda quando eu chegava, e esperava-me de pé, em frente ao chuveiro enquanto eu tomava banho e prepara-me só para ela. E ela me amava, muito grande, forte, imensa. E eu a retribuía, fortemente, e seguia em frente apesar de nós duas sermos frágeis criaturas redesenhando nosso vínculo a cada dia...

Aos poucos, fomos crescendo juntas, e aceitando nossas limitações de tempo, e criando, dessas mesmas limitações, nossas imensas possibilidades... E Flávia cresceu, e embelezou o mundo, com lânguida e meiga maneira de ser, que eu

ressaltava com pinceladas em tons pastéis, delicadeza, harmonia e um amor imenso. Suas notas eram surpreendentes, assim como sua postura honesta e seu calor humano. Flávia, esguia e elegante, personalidade tímida, mas marcante, se mostrou brilhante do seu jeito. Pintava telas com óleo, desenhava com crayon as minhas plantas medicinais, destacava-se nos cursos de boas maneiras e manequim. E, sobretudo, era extremamente carinhosa com todos: não escolhia, não discriminava, tocava todos com seu toque de fada.

Ela abriu as cortinas da vida: tocou violão, cantou e brincou com as difíceis crises de adolescência, por ser magra, por ser tímida... Tornou-se grande, tornou-se mágica, transformando a angústia da vida na possibilidade do prazer.

Hoje eu agradeço a Deus minha filha, por você ter nascido de dentro de mim, e te desejo sucesso, em sua trajetória de médica e de ser humano. Que você tenha paixões, e as leve adiante. Estarei sempre torcendo de coração por ti, Doutora Flávia, minha menina.

Campinas, 29 de novembro de 2009

Dra. Marisa Corrêa Christensen

Médica sanitária e homeopata